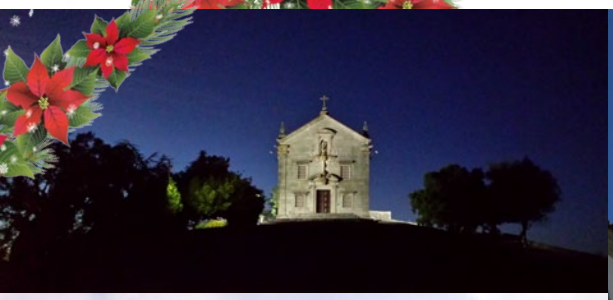
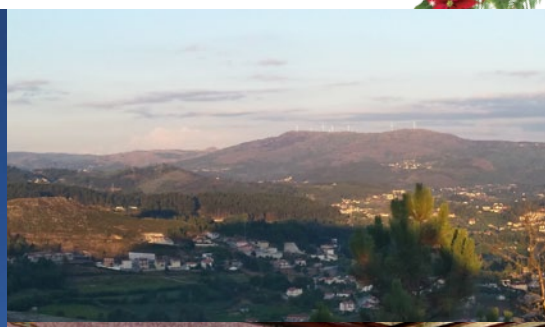
magazinephilos

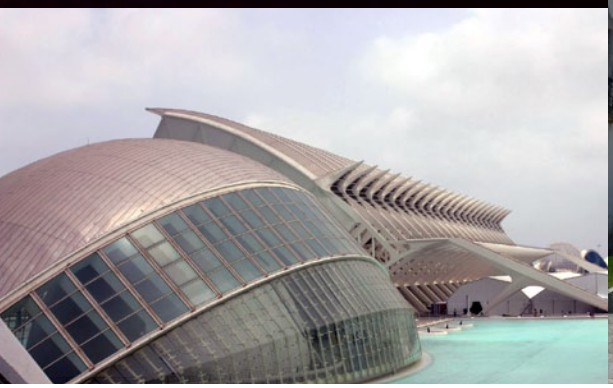
nº 56

DEZEMBRO / DECEMBER
2015

ANO / YEAR XIV







EDIÇÃO BILINGUE / BILINGUAL EDITION

WWW.PHILOS.PT

Questões da qualidade — Quality issues
Crónica de Carlos Castilho Pais — Chronicle by Carlos Castilho Pais
Passatempo — For fun
Tradumática — Tradumatics
Álbum de Fotografias — Photo Album
Impressões de viagem — Travel musings

ISSN 2182-1550

© philos - comunicação global, lda 2009

3
Contra a Corrente ❁ Against the Current
Palavras para quê?
Who need words?

4
Questões da Qualidade ❁ Quality Issues
O "estado da arte"
The "state of the art"

5
"... da Ocidental praia lusitana" ❁ "... from the Western lusitanian shore"
Póvoa de Lanhoso

6
Em português ❁ In Portuguese
Crónica de Carlos Castilho Pais / Chronicle by Carlos Castilho Pais

7
Gosta de flores? ❁ Are you a flower fan?

8
Passatempo ❁ For Fun !!!!!!

9
Crónica das Leiras ❁ *Leiras'* farm chronicle
Cockle doodle doo?!!!

10
An Englishman in Lisbon ❁ Um inglês em Lisboa

11
Biblioteca ❁ Library
(Re)leituras :: (Re)reading
Poemas de Vida :: Lifetime Poems

12
Derivações de um Guarda-Livros ❁ Musings from a Bookworm
Esta é (só mais) uma crónica inconsequente
This is a (just another) inconsequent column

13
Tradumática ❁ Tradumatics
De conta Microsoft para conta local no Windows 10
From a Microsoft account to a local account in Windows 10

14
Álbum de Fotografias ❁ Photo Album

20
Artes ❁ Arts

21
Impressões de Viagem ❁ Travel Musings
Do Douro ao Danúbio / From the Douro to the Danube
– Les uns et les autres

1, 3 & 4 - Póvoa do Lanhoso; 2 & 5 - Valência

Palavras para quê?

Who needs words ?

Desde a bíblica Torre de Babel que eu já suspeitava...
Verdade que, nos idos do século XIX, Ludwik Zamenhof (um visionário) tentou arranjar uma solução para o problema... sem grande sucesso.
Ora bem, *eureka*!
Os Dicionários Oxford resolveram-nos o problema duma só penada:
E a palavra do ano é... um "emoji".
Não, senhores, não coloquei ponto de exclamação. Qual é o espanto?
Júlio Verne (outro visionário), dizia que a humanidade do futuro só teria tempo para ler manuais técnicos...
Como vemos, nem isso. A humanidade do presente já não tem, sequer, tempo para ler... palavras – só uns ideogramas chamados "emojis", agora devidamente consagrados pela distinta cátedra dos Dicionários Oxford.

Celebremos, pois, alegremente, o ingresso na Novilíngua de Orwell.
"Não vês que todo o objetivo da Novilíngua é estreitar a gama do pensamento? Cada ano, menos e menos palavras, e a gama da consciência sempre um pouco menor. Nunca te ocorreu, Winston, que por volta do ano 2050, o mais tardar, não viverá um único ser humano capaz de compreender esta nossa palestra?"
Em qualquer caso, celebremos!
Antes que novos visionários acabem com esta escrita ideográfica e se lembrem de inventar uma escrita fonética!

Permitam-me, ainda assim, que use a velhinha fórmula constituída por palavras para deixar, a todos os clientes, colaboradores e amigos da **philos**, os nossos votos de **Boas Festas e Feliz Ano Novo**.

Ever since the biblical Tower of Babel I've had my suspicions...
Truth be told, back in the 19th century Ludwik Zamenhof (a visionary) tried to arrange a solution to the problem... without conspicuous success.
Well, *eureka*!
The Oxford Dictionary solves the problem for us in a jiffy:
And the word of the year is... an emoji.
No, ladies and gentlemen, I didn't add an exclamation mark. Why the surprise?
Jules Verne (another visionary) said that mankind in the future would only have time to read instruction manuals...
As we can see, we don't even have time for this. Today there is no time even to read words, believe it or not, but rather only some ideograms called "emojis", which are now duly consecrated by the distinguished institution that is the Oxford Dictionary.

Let us joyfully celebrate the latest addition to Orwell's Newspeak.
"Don't you see that the whole aim of Newspeak is to narrow the range of thought? Every year fewer and fewer words, and the range of consciousness always a little smaller. Has it ever occurred to you, Winston, that by the year 2050, at the very latest, not a single human being will be alive who could understand such a conversation as we are having now?"
In any case, let's celebrate!
Before the new visionaries put an end to this ideographical writing and come up with the invention of phonetic writing!

Allow me, nevertheless, to use an old-fashioned formula made up of words to wish all the clients, employees, partners and friends of **philos** a **Merry Christmas and Happy New Year.**

Margarida Fonseca Silva
(Managing Partner)

magazinephilos

Fundador :: Founder
Sílvio Oliveira

Editor :: Editor
Margarida Fonseca Silva

Textos :: Texts
philos

Colaboração especial :: Special collaboration
Carlos Castilho Pais

Versão inglesa :: English version
Thomas Kundert

Design
Vitor Silva
Ricardo Fernandes

Fotografia :: Photos
philos
Sílvio Oliveira
(Álbum de fotografias :: Photo Album)

Publicação :: Publisher
philos - comunicação global, lda

www.philos.pt
ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.

This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.

O "estado da arte"
The "state of the art"

Paula Pires
-Quality Manager-

Tenho procurado nesta secção chamar a atenção dos leitores e, em particular, dos profissionais da tradução, para os problemas que mais vêm afetando o desempenho da nossa, por vezes tão árdua, tarefa de traduzir temas diversificados, e cada vez mais técnicos, nomeadamente nas áreas que são, hoje em dia, as que maioritariamente alimentam toda a fileira da localização e tradução de conteúdos, como é o caso das tecnologias de informação.
Tarefa árdua, porquê?
Logo à cabeça, identificamos aquele que é, seguramente, o causador das nossas maiores dores de cabeça: prazo de execução. A experiência de muitos anos diz-nos que, embora se tenha desenvolvido ao longo dos anos uma maior consciencialização sobre as condições indispensáveis à execução dum bom trabalho de tradução, por outro lado, a própria dinâmica atual da comercialização e, sobretudo, o desenvolvimento tecnológico das nossas sociedades, vieram lançar novos desafios e colocar à nossa profissão exigências que há duas décadas atrás seriam inimagináveis. Simplificando: vivemos em permanente velocidade de cruzeiro e há cada vez menos tolerância para quem não se mostra capaz de correr a maratona.
Maratona de prazos, e maratona de preços. É nisto que estamos.
Mas... chega fazer mais rápido e mais barato? Felizmente, ainda não. Também é preciso manter padrões de qualidade. De contrário... perderíamos a batalha para a máquina, ou seja, para a tradução automática, em cujo avanço tecnológico se investem cada vez mais milhões e que vai estendendo as suas antenas a um crescente número de idiomas e de áreas do conhecimento.
Por isso, e apesar de termos prazos e honorários cada vez mais reduzidos... temos de ser cada vez melhores. É a lógica do atual "estado da arte", se me permitem a ironia.
Não quero, por isso, terminar o ano, sem recordar aqui aquela que tem sido uma das minhas principais preocupações e recomendações:

Nenhum tradutor é especializado seja em que área for, se dela conhecer apenas os glossários. É preciso dominar os processos, compreender o funcionamento das coisas, perceber a lógica dos sistemas. O bom tradutor técnico é aquele que se especializa em profundidade e por todos os meios ao seu alcance, incluindo o contacto com profissionais das áreas que o ajudem a melhor compreender os processos, os sistemas, o significado real de cada palavra da sua lista de glossários.
O futuro será do tradutor altamente especializado... ou não haverá qualquer futuro para o tradutor.

A todos, os meus votos de Festas Felizes e excelente Ano Novo!

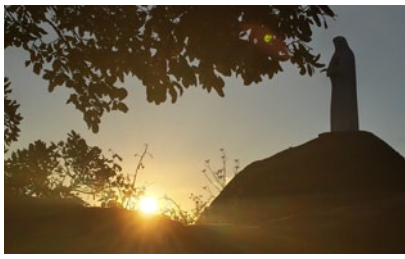
In this column I have tried to alert readers, and especially the translation professionals, to the problems that most frequently affect the performance of our sometimes arduous task of translating a wide range of increasingly technical topics. This is an especially pressing matter in subject areas that nowadays occupy the biggest percentage of localisation and translation work, such as is the case of information technology.
Why do I say an arduous task?
Before all else, we can point to the factor that is without a doubt the biggest cause of headaches: the delivery deadline. Experience over many years has taught us that although there is now more awareness about the conditions required to produce a good quality translation, on the other hand the commercial dynamics, especially the technological advancement of our societies, have led to new challenges and brought new demands to our industry, which would have been unimaginable two decades ago. To put it simply, we live in a time where everything happens perpetually at cruising speed, and there is less and less tolerance for those who are not up to running the marathon.
We are talking about the marathon of deadlines, the marathon of prices. This is the situation today.
But, is it suffice to work faster and cheaper? Fortunately, not yet. It is also necessary to maintain quality standards. Failure to do so would mean we have lost the battle against the machine, in other words, to machine-aided translation, the technological advancement of which is fuelled by investments of millions and which will spread its tentacles to a growing number of languages and areas of knowledge.
Therefore, and despite having increasingly tight deadlines and ever lower fees, we have to do better and better. This is the current "state of the art", if you allow me the irony.
However, I do not want to end the year without reminding you of one of my main concerns and recommendations:

No translator can claim to be a specialist in any given area simply because she/he has in-depth knowledge of the glossaries. It is necessary to master the processes, understand how things work, understand the logic behind the systems. Good translators make themselves profound specialists in all the resources available to them, including contact with professionals from the different areas who help them understand the processes, systems and the real meaning of each word in their list of glossaries.
The future of translators depends on them becoming highly specialised. Failure to do so will mean there is no future for the translators to exercise their profession.

Merry Christmas and Happy New Year to everyone!

Vitor Silva

Póvoa de Lanhoso



* Luís de Camões (1524-1580)

Dedicamos este artigo a mais uma incursão pelo Minho. Como havíamos já dito, em números anteriores do nosso magazine, motivos não faltam para nos perdermos por essas terras fecundas do Norte de Portugal.

Desta vez, a paragem fez-se na Póvoa de Lanhoso. Terra que, pelos testemunhos pré-históricos, apresenta vestígios de ocupação humana com milhares de anos – pelo menos desde 3.000 a.C..

A história constrói-se de estórias e a Póvoa de Lanhoso tem muito para contar ao mundo. A Revolução da Maria da Fonte (uma revolta popular, ocorrida no séc. XIX, que levou à substituição dos governo de então) é, provavelmente, a mais conhecida das estórias e a que deu fama à mulher minhota.

Também as pedras são história e hoje podemos visitar pedaços do tempo como o Castelo de Lanhoso, edificado sobre o maior monólito de granito da Península Ibérica, o monte do Pilar, igrejas românicas e medievais, o Castro de Lanhoso – um povoado proto-histórico romanizado – entre outro riquíssimo património.

Festas, feiras e romarias são cartões de visita que, por alturas de março, têm o seu ponto alto com as festas de S. José. No verão, a música, a cor e várias manifestações culturais saem à rua num bailado de sentidos e alegria com que os habitantes locais recebem os visitantes.

A não perder, claro está, a oferta gastronómica que as suas gentes souberam preservar e aprimorar ao longo dos tempos, sendo a Póvoa de Lanhoso considerada uma das mais ricas regiões gastronómicas do país.

Ali bem perto, a serra do Gerês e a barragem da Caniçada aguardam-nos, quiçá, para outras aventuras ainda mais ousadas...

In this article we go on another trip to the Minho. As described in previous editions of our magazine, there are endless reasons to lose ourselves in these fertile lands in the north of Portugal.

This time, we pay a visit to Póvoa de Lanhoso, which as testified by the prehistoric vestiges, has been a place of human settlement since at least 3000 BC.

History is constructed with stories and Póvoa de Lanhoso has a lot to tell the world. The Maria da Fonte Revolution (a 19th-century popular rebellion which led to the overthrowing of the government of the time) is probably the most well-known of its stories and which endowed the Minho woman with fame.

History also comprises stones, and today we can visit pieces of time such as Lanhoso Castle, built on the largest granite monolith in the Iberian Peninsula, Monte do Pilar. Romanic and medieval churches, and the Romanised proto-historical settlement of Castro de Lanhoso are other examples of the rich heritage of the area.
Festivals, fairs and religious processions must not be missed, the highlight of which takes place in March with the São José festivals. In summer music, colour and an array of cultural events fill the streets with joy as the local inhabitants happily welcome visitors.

Also not to be missed are the culinary delights on offer which have been preserved and perfected over time, making Póvoa de Lanhoso one of the foremost gastronomical regions in Portugal.

Serra do Gerês and the Caniçada Dam are nearby, perhaps awaiting us for even more daring adventures.

Em português
In Portuguese

Carlos Castilho Pais
[professor universitário :: university professor]

Nesta crónica de final de ano, contrariamente ao que é habitual, permitir-me-ão que aborde dois temas. Um tema de atualidade mundial e um tema de atualidade, digamos, 'caseira'.

Começo por abordar o tema de atualidade mundial lembrando a minha última crónica. Nela, escrevi sobre o problema dos refugiados e da necessidade da tradução, referindo o voluntariado de muitos e muitos tradutores. Um voluntariado muitas vezes discreto, mas que nos faz recordar a sensibilidade e a humanidade de que os tradutores também são capazes.

A tradução está onde estão os homens. Há tradução e tradutores nos lugares de conflito, nos lugares donde fogem os refugiados que chegam à Europa. Se, na minha crónica anterior, se expressava uma palavra de louvor ao voluntariado do tradutor, nesta, deve expressar-se o apoio ao tradutor que atua em zonas de conflito, onde é alvo de sevícias várias. E foi com consternação e agrado que constatámos, há dias, a circulação pelas redes sociais de um abaixo-assinado, dirigido à ONU, de proteção urgente a estes tradutores e intérpretes. Estes profissionais atuam em zonas de alto risco e, como dizem os promotores do abaixo-assinado, «são vítimas constantes de sequestros, torturas, decapitação, acusações de espionagem, ameaças de morte ou prisão». A moeda tem, de facto, duas faces. Um lado, o do louvor, lembra o voluntariado do tradutor, a sua humanidade; o outro lembra o apoio, a proteção que é preciso dar ao tradutor. Se necessário fosse, o primeiro justificaria o segundo; mas, creio, ninguém julgará necessária esta correlação. Sempre, mas sobretudo num tempo de fim de ano, todos desejamos que a proteção ao tradutor que dela necessita chegue quanto antes e chegue de modo eficaz.

O tema 'caseiro' é também um tema recente. E tinha de ser tratado aqui. O ator Luís Miguel Cintra anunciou há dias o abandono dos palcos. E fê-lo no momento em que no Teatro da Cornucópia se representava o *Hamlet*, de William Shakespeare, na grandiosa tradução de Sophia de Mello Breyner. O ator não carece de elogios, a tradutora da peça também não. Há muitos anos, entrei em contacto com a Sophia para lhe solicitar autorização para publicar o prefácio da tradução, que Sophia incluíra na primeira edição. Obtive autorização, claro, mas lembro-me da admiração da poetisa pelo pedido, pensaria talvez ela que a sua tradução tinha caído no esquecimento. Não, e a prova está aí. Diria mesmo que a sua subida aos palcos é um dos acontecimentos culturais do ano que agora finda. Quem puder, se isso for ainda possível, não perca. As luzes dos palcos são bem mais interessantes do que as luzes das ruas desta quadra do ano. Desejo a todos um ano novo melhor!

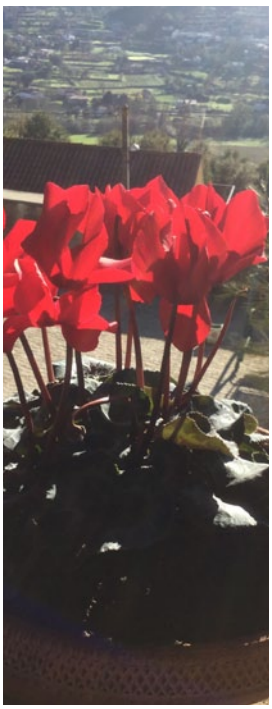
In this end-of-year column, breaking away from the norm, allow me to dwell on two topics. One is a worldwide current affair and the other is, shall we say, a 'domestic' issue.

I start by tackling a matter affecting the whole world, as discussed in my last column. In it I wrote about the problem of the refugees and the need for translation, pointing out that a huge number of translators volunteer their services. These are volunteers who are often inconspicuous, but who remind us of the sensitivity and humaneness that translators are also capable of showing.

Translation is to be found wherever mankind is found. Translation takes place and translators are present in war zones, in the places from where the refugees who are arriving in Europe are fleeing. While in my previous column I expressed my praise for the voluntary translators, in this one I express my support to the translators who work in war zones, where they are susceptible to a range of abuses. This is why it provoked both concern and a pleasant surprise to see a petition circulating on the social networks a few days ago, addressed to the UN, calling for the urgent protection of these translators and interpreters. These professionals work in high-risk zones and as pointed out in the petition "are constant victims of kidnapping, torture, decapitation, accusations of being spies, death threats or prison". The coin, indeed, has two sides to it. On the one hand we must praise the voluntary translators and their humane attitude; on the other we must offer our support and protection that translators need. If it was necessary, the former would justify the latter; but I believe nobody would deem this correlation necessary. We all wish that at all times, but especially during the festive season, the protection translators require gets to them as soon as possible and in an effective manner.

The 'domestic' topic is also a recent matter, which I could not ignore. The actor Luís Miguel Cintra announced he would be retiring from the stage a few days ago. And he did so at the time in which he was playing William Shakespeare's Hamlet at the *Teatro da Cornucópia*, in the magnificently translated version of Sophia de Mello Breyner. No praise is high enough for the actor, or the translator. Many years ago I contacted Sophia to request her permission to publish the preface of the translation, which she had included in the first edition. She gave me permission, of course, but I remember the poet's surprise at my request, perhaps thinking that her translation had been long forgotten. It hasn't, and the proof is out there. I would go as far as to say that its appearance on the stage is one of the cultural events of the year now coming to an end. If you have the chance, be sure not to miss it. The theatre spotlights are far more interesting than the lights decorating the streets at this time of the year. I wish a Happy New Year to everyone!

Gosta de flores?
Are you a flower fan?



Pertence à família das *Primulaceae* e é uma das plantas que, sobretudo nos meses de inverno, encontramos com frequência em vasos domésticos. As flores, que lembram borboletas de asas recolhidas, são muito bonitas e oferecem uma extensa gama de cores onde se destacam o branco, o rosa, o lilás e o vermelho.
A sua folhagem em forma de coração é, também, muito atraente nos seus tons de verde escuro com nervuras mais claras ou prateadas.
O Cíclame (Cyclamen) é originário da Síria e Grécia, nascendo de forma espontânea nestas regiões, onde pode manter-se em flor durante todo o ano. No nosso país, e sobretudo quando envasada, a planta prefere "dormir" durante os meses de verão, resplandecendo de cor durante os meses de inverno e primavera.

Belonging to the *Primulaceae* family, the Cyclamen is one of the most commonly seen domestic pot plants, especially in the winter months. The flowers, which resemble butterflies with their wings upright and closed, are extremely beautiful and offer a wide range of colours, the white, pink, lilac and reds particularly striking. Its heart-shaped leaves are also very attractive with their deep green shades and lighter or silver-lined veins.
The Cyclamen originated in Syria and Greece, spontaneously sprouting in these regions, where they remain in flower all year round. In Portugal, and especially when in a pot, the plant prefers to "sleep" during the summer months, flourishing into wonderful colour during the winter and spring.

CíclameCyclamen

MAGAZINE PHILOS - OFFICIAL SPONSOR
XOQO
HAUTE XOQOLATERIE
http://www.facebook.com/xoqomaia

Passatempo For FUN

Desta vez, a nossa bela escultura presta homenagem a um pintor. Sabe quem é e em que cidade se encontra?

This time, we have a beautiful sculpture paying hommage to a painter. Do you know who is represented and in which city can you find it?

Edição anterior Last Issue

Rimbaud – Paris - escultura do francês Ipoustéguy designada *L'Homme aux semelles devant.*
De alma inquieta em constantes viagens, Rimbaud ficou conhecido como O Homem das Solas de Vento (l'homme aux semelles de vent). Brincando, em termos homofónicos, com esta sua alcunha, Ipoustéguy chamou à sua obra L'Homme aux semelles devant (O Homem das solas à frente [de si próprio].
Uma das nossas leitoras portuguesas enviou-nos a resposta certa – os nossos parabéns!

Rimbaud – Paris – a sculpture from Ipoustéguy named *L'Homme aux semelles devant.*
A restless soul who travelled constantly, Rimbaud had earned himself the nickname l'Homme aux semelles de vent ("man with soles of wind"). Cleverly playing with the homophonic title, Ipoustéguy named his sculpture l'Homme aux semelles devant ("man with soles in front [of him]").
One of our Portuguese readers sent us the correct answer: congratulations!

COCKLE DOODLE DOO?!!!

Dom Biralbo da Porta do Olival

E eu que me julgava um canídeo inteligente... Sim, porque, modéstia à parte, não é qualquer um da minha espécie que se dedica às nobres artes da leitura e da escrita e, ainda, tem a honra de assinar uma crónica que, sem ser viral (nem insultar ninguém), consegue correr mundo, nas línguas de humanos tão ilustres como Camões e Shakespeare!

E, por falar em línguas... ora aí é que está o busílis da questão: sabiam vocês que nós, os do reino da bicharada, também temos falas diferentes conforme as nossas nacionalidades?

Ai sabiam? Pois, tenho de confessar-vos a minha surpresa quando, na passada edição deste Magazine, vi publicada uma crónica dum tal Thomas Kundert, que me deixou profundamente desconcertado. Oram vejam:

Lá que um qualquer passarito faça "tweet tweet" em vez de "piu piu"... enfim, não será bem a mesma coisa, mas também não vem daí mal ao mundo. No meu caso e nos da minha espécie... bem, confesso que, as mais das vezes, até o meu próprio "au au" me soa mais próximo do tal "woof woof" da fala Shakespeariana.

Mas, meus senhores: "cockle doodle doo" em vez de "cocorococó"... ah! Isso não! Tenham lá paciência, eu bem sei que nada entendo dessa vossa mal-amada arte da tradução, mas, por favor... tenham piedade de mim! Como é que eu vou poder caçar um belo galaró selvagem (e até já me contentava com um de capoeira!) se o dito animal, em vez de me provocar com o seu "cocorococó" bem másculo e latino, resolver entoar o seu canto na língua de Sua Majestade a Rainha de Inglaterra e se ficar por um "cockle doodle doo" tão suave e mavioso que comove logo o coração de um sensível perdigueiro como eu?!

E logo agora, nesta época festiva em que os humanos tanto apreciam concorrer com os canídeos na corrida às aves de penas... que vai ser de mim, se os galos portugueses, para bem colaborarem na internacionalização do país, resolverem adotar a língua inglesa?

Ai de mim, que lá se vai o meu *pedigree* de perdigueiro português e, como costumam dizer os humanos, lá me caem os parentes na lama!

Bem, nesse receio me fico, não sem antes vos desejar, para esta quadra festiva, boas aves, sem penas, no prato, e um próximo ano cheio de pios bem traduzidos!

And there was I, thinking I was an intelligent canine... That's right, because modesty aside, it's not any old dog that dedicates itself to the noble arts of reading and writing, and who also has the honour of penning a column that, without going viral (or insulting anybody), manages to go around the world in the human languages as illustrious as those of Camões and Shakespeare!

And, speaking about languages... this is the crux of the matter: did you know that we in the animal kingdom also have different lingos depending on our nationalities?

So you knew? I must admit I was surprised in the last edition of this Magazine when I saw a column published by someone going by the name of Thomas Kundert, which left me profoundly bewildered. Let me explain:

If a bird goes "tweet tweet" instead of "piu piu"... well, it's not exactly the same thing, but I see no great harm in it. In my case, and speaking on behalf of my species, I must confess that most of the times, when I bark, the so-called "au au" also sounds to me more like the Shakespearian "woof woof".

But, ladies and gentlemen, as for "cockle doodle doo" instead of "cocorococó"! That is a non-starter!

Bear with me. I realise I know nothing of your well-loved art of translation, but please, have mercy on me! How can I possibly hunt an appetising wild cockerel (I'd even be satisfied with one from the chicken hutch!) if the animal, instead of provoking me with its macho and Latin "cocorococó", decided to switch to the language of Her Majesty the Queen of England, singing a "cockle doodle doo" so soft and angelic that it would immediately melt the heart of a sensitive pointer like me?!

It's even more of a pressing issue at this time, during the festive season when humans enjoy so much going on a hunt of our feathered friends alongside us canines. What will become of me if the Portuguese cocks, in an effort to help the internationalisation of the country, decide to adopt the English language?

That would be the end of my Portuguese pointer pedigree and what's more, I would plunge my family into disgrace!

Well, I'll dwell on this concern presently, but not before wishing you, in this festive season, good poultry, with no feathers, on a dish, and a New Year full of well translated tweets!

An Englishman in Lisbon
Um inglês em Lisboa

Thomas Kundert

Two from three
Duas de três

The previous edition of the **philos** magazine included some alarming but not altogether surprising descriptions of how "crowd-based-post-editing" companies and their like are changing the landscape of the translation industry.

As in several sectors of society, the frenetic clamour to do things ever more quickly, and ever more cheaply, is leading to schemes and working methods where the question of quality is a mere afterthought.

This reminds me of a good rule of thumb with regard to service provision in the wild and competitive world of modern capitalism: "Choose two from three: speed, price, quality."

This is perfectly applicable to almost any business, and certainly to translating where an endless list of suppliers are available to anybody, in any language, anywhere in the world, provided they have a keyboard and an internet connection in front of them.

If **speed** of delivery is of no importance, a thorough search (together with proper research) will lead to a translator prepared to supply a high-quality translation at a reasonable price, provided you are prepared to wait patiently for it.

If you are fortunate enough to be in a position where the **price** of the service is no object, then you will be able to arrange a translation of the highest standards in a short space of time. The most competent and most efficient translators are always willing to provide their services... at the highest prices, naturally.

If, on the other hand, **quality** is not the number one concern (either by choice or out of ignorance), that is where the crowd-based-post-editors step in.

A simple illustration in the flaws of machine translation can be shown by looking at what happens when you put a sentence into Google Translate, then put the result into it in the reverse direction and see what comes out. As an example I ran the first paragraph of this column through the process. Here is the result:

The previous edition of the magazine philos included some quite amazing descriptions alarming , but not in the way companies " based crowd- post-editing " and the like are changing the translation industry landscape .

As you can see, the text is just about intelligible but replete with all manner of errors. As explained in the Quality section of magazine 55, companies are paying proof-readers a pittance to read and revise reams and reams of such translated text. The result can only be a translation of extremely dubious quality – at best.

The good news is that while there is a demand for intelligible, well-written, faithful translations, the battle against the machine is not a lost one. Not yet at least...

Merry Christmas one and all!

A última edição do **magazine philos** incluía algumas inquietantes, ainda assim não totalmente surpreendentes, alusões à forma como as empresas de "crowd-based-post-editing" e outras similares, estão a mudar a paisagem da indústria da tradução.

Tal como noutros setores da sociedade, a exigência crescente duma frenética rapidez de execução, a preços cada vez mais baixos, vem conduzindo a sistemas e métodos de trabalho em que a qualidade se vê relegada para último plano.

Assim colocada, a questão remete-nos para a conhecida regra geral aplicada ao fornecimento de serviços no mundo selvagem e competitivo do capitalismo moderno: "Escolher duas de três condições: velocidade, preço, qualidade".

A regra pode ser aplicada a praticamente todos os ramos de atividade, e igualmente à tradução, se tivermos uma interminável lista de fornecedores disponíveis, em qualquer língua e em qualquer parte do mundo, que tenham à sua frente um teclado e uma ligação à Internet.

Se a **rapidez** não for importante, uma boa procura (acompanhada da adequada investigação) levar-nos-á a um tradutor preparado para fornecer uma tradução de elevada qualidade a um preço razoável, desde que possamos aguardar com paciência a sua execução.

Se tivermos a sorte de estar numa posição em que o **preço** do serviço não constitua objeção, então sem dúvida que poderemos obter uma tradução de altíssima qualidade num curto espaço de tempo. Os tradutores mais competentes e eficientes estão sempre disponíveis para fornecer os seus serviços... ao preço mais elevado, como é natural.

Quando, pelo contrário, a **qualidade** não é o fator principal (seja por opção ou por ignorância), é então aí que entram os "crowd-based-post-editors".

Podemos facilmente dar-nos conta das falhas da tradução automática se virmos o que acontece ao inserirmos uma frase no Google Translate, colocando depois o resultado no sentido inverso, e observarmos a tradução assim obtida. Foi o que fiz com a primeira frase deste meu texto, a título de exemplo. Eis o resultado:

A última edição da revista philos inclui algumas alusões perturbadoras, ainda não inteiramente surpreendente a forma como as empresas de "pós-edição com base em multidão", e outros semelhantes, são para mudar a paisagem da indústria de tradução.

Como se pode observar, o texto, embora inteligível, está repleto de todo o tipo de erros.

Tal como explicado na secção Questões da Qualidade do magazine 55, este tipo de empresas paga uma ninharia pela leitura e revisão de resmas e resmas de textos traduzidos desta forma. O resultado só poderá ser, na melhor hipótese, uma tradução de qualidade extremamente duvidosa.

A boa notícia é que, enquanto houver procura de traduções inteligíveis, bem redigidas e corretas, a batalha contra a máquina não está perdida. Pelo menos, por enquanto...

Feliz Natal para todos!

Nelson Loureiro

Em Português, se Faz Favor
(In Portuguese, if you please)

Helder Guégués

Para quem segue os ditames do calendário católico, esta ainda não é a altura habitualmente dedicada à reflexão interior e penitência pelas falhas cometidas. Isso seria o tempo da Quaresma, e, por ora, o que decorre é o Advento. Porém, para os outros a quem basta o calendário dito civil, qualquer momento é bom para confessar...

E o que queremos assumir é que, a cada página desta obra de referência (como já sucedia a cada nova entrada do blogue que lhe deu origem; ou a cada consulta de uma das obras nele sugeridas), nos apercebemos, não sem uma certa angústia, do tanto que ainda nos falta para que dominemos esta língua com que tentamos comunicar. Em certos momentos de maior exasperação, exclamamos inclusive: como é possível que andemos todos a aprender e a propagar estes erros?!

Enfim, chega de autoflagelação. Prometamos só que, de nossa parte, vamos continuar a fazer o favor de tentar aprender. O que sempre é melhor que nada...

For followers of the Catholic calendar, this is not yet the time traditionally set aside for inner reflection and penitence for sins committed. That is the time of Lent, while the current season is Advent. However, for the others, who govern their lives by the so-called civil calendar, any time is a good time to confess one's sins.

What we realise as we turn over each page of this seminal work (as happened previously with each new post of the blog that gave rise to the book; or each consultation of one of the books it recommends), and not without a certain level of anxiety, is that there is so much yet to learn before we master this language in which we try to communicate. At certain times of deep exasperation we may even utter: "how can we possibly all learn and spread these mistakes?!"

Well, that's enough beating up on ourselves. We promise only that, speaking for ourselves, we will make every effort to try and continue to learn. Which is always better than nothing.

Preso Político
Political Prisoner

1

Quiseram pôr-me inteiro numa ficha.
O dia e a noite são iguais por dentro.
Não há papel que conte a minha vida
mais que estes versos de punhal à cinta.
A barba cresce, e cresce a voz armada
descendo pelos muros tão tranquila;
tão tranquila que já nem desespera
de ser apenas voz, não uma guerra.

Quiseram pôr-me inteiro numa ficha.
Não há papel que conte a minha vida.
Mais que estes versos, esta mão estendida
por sobre os muros só de medo e pedra.

1

They wanted to put me whole in a file.
Day and night are the same inside.
No paper tells my life better
than these dagger's verses.
The beard grows, and the violent voice grows
descending so calm the walls;
so calm I am no longer desperate
being just a voice, not a war.

They wanted to put me whole in a file.
No paper tells my life better.
Than these verses, this outstretched hand
put on the wall only of fear and stone.

Fernando Assis Pacheco *

Poemas de Vida ❁ Lifetime Poems

* **Fernando Assis Pacheco (1937-1995),** é sobretudo recordado pelo seu percurso como jornalista e crítico literário em publicações periódicas. Mas dedicou-se, igualmente, à escrita e à tradução, na maior parte poéticas. Da sua obra, destacam-se os temas relacionados com a infância e adolescência coimbrãs, estes tratados de modo mais jocoso ou satírico, e os de teor político, como o exemplo que aqui trazemos.

Fernando Assis Pacheco (1937-1995), is remembered above all else for his work as a journalist and a literary critic in newspapers and magazines. But he also dedicated himself to writing and translation, for the most part poetry. The highlights of his body of work include topics linked to his childhood and adolescence in Coimbra, written in a more jocular or satirical style, and his focus on political issues, such as the poem above.

Esta é (só mais) uma crónica inconsequente
This is a (just another) inconsequent column

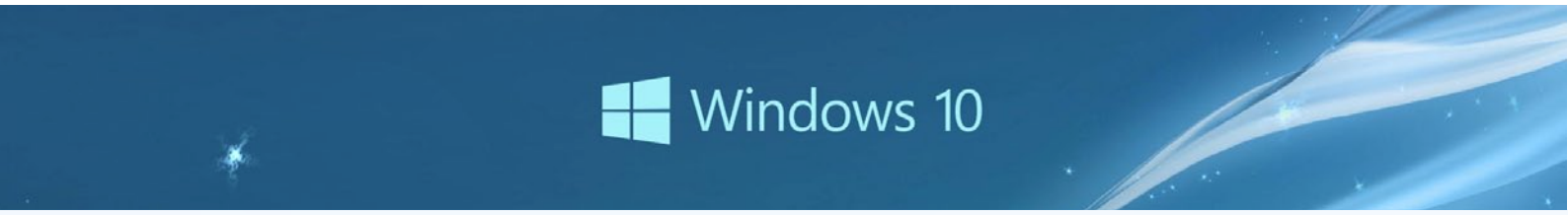
Artur Semedo

Enquanto escrevemos estas ligeiras linhas, aproveitando a pacatez ociosa de um feriado, deu-se já mais uma vez o arranque oficioso da época de azáfama natalícia, consubstanciada na aquisição mais ou menos apressada dos víveres para a ceia de consoada e dos presentes para a subsequente madrugada.
Por tradição (ou deveríamos dizer contratradição) familiar, a parte dos presentes é-nos absolutamente estranha. Suponhamos, porém, que nos convidavam a escolher uma pessoa, ou um grupo, a quem oferecer uma prenda neste Natal (qualquer semelhança com exercícios de imaginação típicos de entrevistas em jornais e/ou revistas é pura especulação). Tendo em conta o período recente da história lusitana, nada nos parece mais sensato que premiar a nossa classe política com uma edição de um qualquer dicionário da língua portuguesa. Até poderia ser uma edição de bolso, para rápida consulta, entre um discurso e uma votação.
Com sorte, poderiam até aprender que um dos propósitos do prefixo in-, e suas variantes, é evidenciar a privação ou negação do que se lhe segue. Assim, irrevogável não quer dizer negociável; tal como inconstitucional ou ilegítimo não querem dizer que aquilo que não nos dá jeito devesse ser impedido, e por aí adiante...
Se será uma ideia original, esta? É provável que não. Tal como não o serão as camisolas ou as meias quentes embrulhadas sob a árvore, pelo que, no fundo, nos limitamos a contribuir um pouco para uma qualquer tradição.

Boas festas

While penning these words, taking advantage of the lazy repose of a public holiday, another hectic Christmas shopping season begins in earnest, involving the hustle and bustle of purchasing the sustenance for the Christmas Eve dinner and the presents to be distributed afterwards.
Through family tradition (or we should say contradiction), I find the present-giving part extremely odd. Let us suppose that we select somebody, or a group, to whom we shall offer a gift this Christmas (any similarity with typical imaginary exercises in newspaper and/or magazine interviews is pure coincidence). Taking into account the recent past in Portugal, nothing would make more sense than rewarding our politicians with a Portuguese language dictionary. Even a pocket edition will do, so the words can be quickly looked up, between a speech and a vote.
With a bit of luck, they may learn that one of the purposes of prefixes is to signify the deprivation or denial of the rest of the word. As such, irrevocable does not mean negotiable; just like "unconstitutional" or "illegitimate" does not mean something that is inconvenient for us which should be prevented, and so on...
Would this be an original idea? Probably not. Just like jumpers or woolly socks wrapped up under the tree wouldn't be. At the end of the day we are simply limiting ourselves to helping maintain a tradition.

Merry Christmas



De conta Microsoft para conta local no Windows 10

From a Microsoft account to a local account in Windows 10

Ricardo Fernandes

Com mais um Natal à porta e a possibilidade de um novo computador no "sapato", vão certamente surgir mais questões sobre o Windows 10, o último sistema da Microsoft. Neste sentido, nas próximas edições, vamos abordar algumas das dicas e dúvidas mais solicitadas à Microsoft nos últimos tempos.

Nos primeiros lugares destas solicitações e por incrível que pareça, muitos utilizadores do Windows 10 não estão satisfeitos com a possibilidade de terem a sua autenticação integrada com os serviços *online* da Microsoft. Assim, nesta edição do nosso magazine e de uma forma simples, vamos mostrar como converter uma conta Microsoft (live, skype, hotmail ou antigo messenger) para uma conta local – apenas registada no nosso computador sem perfil *online*.
Este processo é feito na zona de **configuração da conta do utilizador** ao qual podemos aceder abrindo o **Menu Iniciar** seguindo depois pela opção **Definições - Contas**

Uma vez dentro das contas do Windows 10, ir para o separador **- A sua conta** e nele localizar a opção **Iniciar sessão com uma conta local em alternativa**.
O primeiro passo é confirmar as permissões para realizar essa alteração. Para isso, o Windows 10 vai solicitar que se coloque a palavra-passe da conta com que se iniciou o Windows 10.
De seguida, é necessário selecionar as definições que vão estar associadas à nova conta.
Deve-se aqui definir o novo nome de utilizador, a palavra-passe a ser usada e a dica a ser apresentada para relembrar a palavra-passe, em caso de esquecimento.
Por fim, temos apenas de confirmar que se pretende alterar o tipo de conta associada, passando de uma conta Microsoft, autenticada nos servidores *online*, para uma conta local, que pode inclusive não ter qualquer palavra-passe associada.
Após esta confirmação, o Windows 10 vai terminar a sessão e apresentar ao utilizador o processo de autenticação com os novos dados.

Na expectativa de ser possível por em prática esta nossa dica, sugiro aproveitar a época festiva para deixar um "sapatinho" bem grande onde o Pai Natal consiga acomodar os presentes, talvez quem sabe, deixar um computador novo com Windows 10.

Resta-me assim, desejar a todos bom Natal e bom final de ano junto da família e amigos.
Voltamos em março para mais novidades do novo sistema da Microsoft, o Windows 10. Até breve.

With another Christmas around the corner and the possibility of a new computer in the "stocking", more questions will certainly crop up about Microsoft's latest system, Windows 10. In the next few editions we will be giving some tips and talking about the most common doubts addressed to Microsoft about it.

Top of the list of queries, and as amazing as it sounds, is the fact that many Windows 10 users are unhappy at the possibility of having their authentication integrated into Microsoft's online services. In today's column we will show you how you can simply convert a Microsoft account (live, skype, Hotmail or old messenger) into a local account, registered only on your computer and with no online profile.
This process is carried out in the **user account settings** which we access by opening the **Start Menu** then clicking on the **Definitions - Accounts** options.

Once in Windows 10 accounts, go to the **Your Account** tab and locate the **Sign in with a local account instead** option.
The first step is to confirm the permissions to make this change. To do so Windows 10 will ask you for the password of the account that you started Windows 10 with.
You then have to select the definitions that will be linked to the new account.
Here you should set the new username, password and password reminder (in case you forget it).
Finally, we just have to confirm that you intend to change the kind of associated account, changing it from a Microsoft account, which is authenticated in the online servers, to a local account, which does not need a password.
After this confirmation, Windows 10 will end the session and show the user the authentication process with the new data.

In the hope that our tip may be put into practice, I suggest taking advantage of the festive season to leave a large stocking hanging up on Christmas Eve, where Father Christmas can put all his presents, and perhaps even leave a new computer installed with Windows 10.

There is nothing else for me to say other than Merry Christmas and to wish you a happy end of year in the company of your family and friends.
We will be back in March for more on Windows 10, the new Microsoft system. See you then.

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Páginas dedicadas ao nosso sócio fundador, Sílvio Oliveira.

Não fazemos uma foto apenas com uma câmara; ao acto de fotografar trazemos todos os filmes que vimos, os livros que lemos, a música que ouvimos, as pessoas que amámos.

Ansel Adams

PHOTO ALBUM

These pages pay hommage to our founder-partner, Sílvio Oliveira.

You don't make a photograph just with a camera. You bring to the act of photography all the pictures you have seen, the books you have read, the music you have heard, the people you have loved.

Ansel Adams

Fernando Nogueira

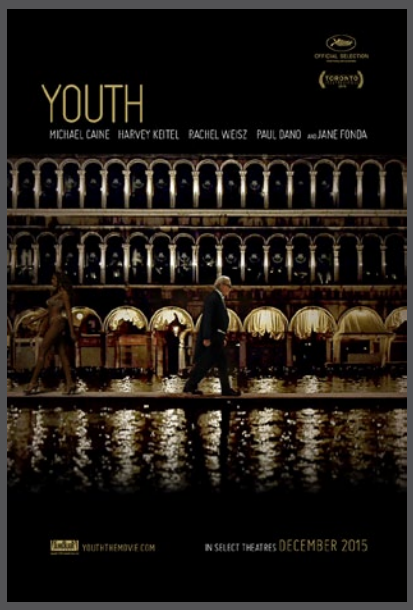
A Juventude / Youth

Fred e Mick são dois amigos quase octogenários a gozar um merecido descanso num luxuoso hotel no sopé dos Alpes Suíços. O primeiro é um maestro e compositor conceituado que há muito abandonou a carreira musical; o segundo, por seu lado, é um realizador ainda no ativo que se prepara para realizar uma última obra que, segundo diz, será o seu "testamento". Naquele lugar paradisíaco, cientes da proximidade do fim e rodeados de pessoas de todas as idades, os dois recordam o passado, fazem planos para o futuro, ao mesmo tempo que refletem sobre a juventude e o elevado preço do envelhecimento.

Com realização e argumento do italiano Paolo Sorrentino ("Este é o Meu Lugar", "A Grande Beleza"), conta com Michael Caine e Harvey Keitel nos papéis de protagonistas a quem se junta Rachel Weisz, Paul Dano e Jane Fonda, entre outros.

Fred and Mick are two almost octogenarian friends who are enjoying a well-earned rest in a luxurious hotel at the foot of the Swiss Alps. Fred is a renowned maestro and composer who left his musical career quite some time ago; Mick is a movie director who is still working and who is currently preparing to direct his last film that, according to him, will be his "testament". In that paradise of a setting, aware that the end is near and surrounded by people of all ages, both recall the past, make plans for the future while simultaneously wondering about youth and the high price of ageing.

The film is directed and written by the Italian Paolo Sorrentino ("This Must Be the Place", "La grande bellezza"), and stars Michael Caine and Harvey Keitel as the main protagonists, joined by Rachel Weisz, Paul Dano and Jane Fonda, among others.



Bruta

De poeta e de louco
temos todos um pouco

Os psiquiatras olham para a saúde mental como um espetro – uma doença grave numa ponta e a normalidade na outra. E que talvez aqueles que estão no meio possam ter tendências criativas mais desenvolvidas. Bruta é um espetáculo de canções e desenhos, um projeto novo de Ana Deus e Nicolas Tricot. Canções feitas a partir de poemas de autores que nalgum momento da sua vida passaram por um transtorno mental. E desenhos de artistas considerados Brutos, por serem criadores livres de qualquer influência ou estilos oficiais.
Este espetáculo não deprime ninguém, antes pelo contrário, e é um elogio à arte como força maior da criação humana.
Uma edição Mia Soave.

Of poetry and lunacy
we all have a little

Psychiatrists look at mental health as a spectrum – ranging from a serious illness at one extreme to normality at the other. And maybe it is those in the middle who have more highly developed creative tendencies. "Bruta" is a show of songs and drawings, a new project by Ana Deus and Nicolas Tricot. Songs based on poems by authors who at some point in their lives went through some kind of mental breakdown. And it also includes drawings by artists considered to be Raw, as creators free from any kind of official style or school.
This show is not in any way depressing; quite the opposite. It is a tribute to art as the strongest driving force behind human creativity.
A Mia Soave production.

Do Douro ao Danúbio - *"Les uns et les autres"*

From the Douro to the Danube - *"Les uns et les autres"*

Margarida Fonseca Silva

Tínhamos atravessado a Europa, do Douro ao Danúbio: Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Polónia, Eslováquia, Hungria, Áustria, República Checa, Suiça... Paisagens, pessoas, impressões, episódios pontilhando a memória, aqui e além...
Era outra Europa.

(Que triste estarias, agora, se visses esta Europa...)
Muros e arame farpado, de novo, fronteiras fechadas, guardadas, militarizadas.
Povos fugindo da guerra, amontoados em campos, numerados, pontapeados, insultados. Crianças assistindo a tudo. Milhares de crianças perdidas dos pais no meio do caos.
E tanta gente sem memória, insultando, pontapeando, escarnecendo! Vítimas de ontem, carrascos de amanhã...?

Da última vez, o pretexto foram os judeus. E, com eles, a pretexto deles, vieram por todos os que não calavam, os que não consentiam, os que tinham outra cor de pele, ou que rezavam a um outro deus. E todos os que, simplesmente, pareciam diferentes.

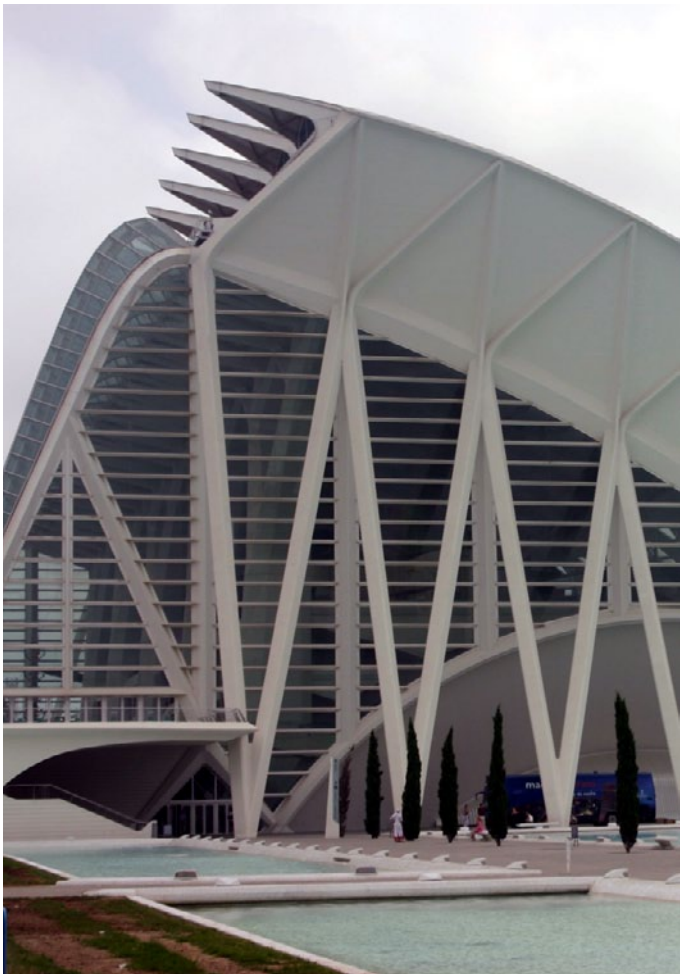
Agora, o pretexto são os muçulmanos. Virão, primeiro, pelos muçulmanos. E, com eles, a pretexto deles, hão de vir por todos os que tiverem um deus diferente, ou uma cor de pele diferente. E hão de vir por todos os que, simplesmente, parecerem diferentes, no modo de falar, no modo de vestir, no modo de olhar, no modo de caminhar. Hão de vir por todos os que não calarem, os que não consentirem.
"Les uns et les autres".
Foi sempre assim, ao longo de milénios de civilização. E ninguém tem memória. Vão, sempre, tontos, a correr, atear as fogueiras, açoitar as vítimas, incitando, aplaudindo!

(Que triste estarias, agora, se visses esta Europa.
Lembras-te de Valência? De como corremos à praia, naquela primeira manhã em Valência?)
A praia dourada... e o mar, aquela imensidão de mar, como era bom encher o peito de maresia e os olhos de tanto azul! Era um tempo em que se podia olhar, sem culpa, o Mediterrâneo. E agora?
Como olhar, agora, o Mediterrâneo, sem ver os botes carregados de gente, tanta gente, braços no ar, crianças, tantas crianças... morrendo, no mar, à vista duma nova Terra Prometida. Como outros, morrendo num camião largado, algures, numa autoestrada da Europa, asfixiados.
(Todos à procura da Europa, vê lá tu.)
Todos a sonharem com uma Europa-mãe, uma Europa-abrigo, uma Europa-pão.
Uma Europa-liberdade, uma Europa-igualdade, uma Europa-fraternidade – uma Europa que não existe.

Paris a ferro e fogo. Quantos inocentes?
Agora, o pretexto são os cristãos. E, com eles, a pretexto deles, vêm por todos os que não calam, os que não consentem. Não apenas porque rezam a um outro deus, ou a deus nenhum, mas porque, simplesmente, parecem diferentes, no modo de falar, no modo de vestir, no modo de olhar, no modo de caminhar.
"Les uns et les autres".
O medo insinuando-se nas entranhas da Europa. O medo que tudo justifica. O medo, seiva essencial de todos os ódios.
Só existe a Europa-fortaleza. A reforçar muros. A erguer arame farpado. E tanta gente sem memória, incitando, injuriando, aplaudindo!

(E eu que queria falar-te de Valência! De como corremos à praia, naquela primeira manhã em Valência...)
A Valência que foi proclamada capital da Espanha Republicana em novembro de 1937. A Valência que foi bombardeada por ar e por mar até à rendição final a 30 de março de 1939.
Estávamos em Valência, e os olhos extasiavam-se-nos na Cidade das Artes e das Ciências, perante o testemunho do génio de Santiago Calatrava. "E sempre que o homem sonha..."
(Que triste estarias, agora, se visses esta Europa.)
Não tarda nada, vamos ter Guernica, de novo, à solta...

>>



(Já lá vão dez anos mais um, parece que foi ontem, e olha, passaram cem anos só neste um... não apenas por mim, digo-te, mas por este mundo, por este Velho Mundo de que hoje te falo e que me parece tão desoladoramente velho como se por ele tivessem passado cem anos só neste um, cem anos de solidão.)

We had crossed Europe, the Douro to the Danube: Spain, France, Luxembourg, Germany, Poland, Slovakia, Hungary, Austria, Czech Republic and Switzerland. Landscapes, peoples, impressions, episodes speckling the memory, here and beyond.
It was another Europe.

(How sad you would be now, if you saw this Europe...)
Walls and barbed wire, again, borders closed, guarded, patrolled by the military.
Peoples fleeing from war, herded together in fields, attributed numbers, kicked, insulted. All in front of the gaze of children. Thousands of children lost from their parents in the middle of chaos. And so many people with no memory, insulting, kicking, deriding others! Yesterday's victims, tomorrow's executioners?

Last time their pretext was the Jews. And along with them, on this pretext, they came for all those who refused to stay silent, those who did not accept, those who had a different skin colour, or who prayed to a different God. And all those who simply seemed different.

Now their pretext is the Moslems. First, they will come for the Moslems. And using them as the pretext, all others will follow who have a different God, or a different skin colour. Then they will come for all those who simply seem different, have a different way of speaking, of dressing, of looking, of walking. They will come for all those who do not stay silent, all those who do not accept.
"Les uns et les autres".
That's how the story has played out, over millenniums of civilisation. And nobody has memory. The baying crowd foolishly runs amok, lighting fires, flogging the victims, inciting, applauding!

(How sad you would be now, if you saw this Europe.
Do you remember Valencia? How we ran to the beach, on that first morning in Valencia?)

>>

The golden beach...and the sea, the vastness of that sea, what a great feeling it was to fill our lungs with the sea breeze and the eyes with so much blue! It was a time when you could look at the Mediterranean Sea without any feeling of guilt. Can you say that today?
It is impossible to look at the Mediterranean now, without seeing boats packed with people, arms sticking out in the air, children, so many children... dying, in the sea, with a new Promised Land in sight. Like others, dying in a truck abandoned somewhere on a motorway in Europe, suffocated.
(All yearning for Europe, would you believe it.)
All dreaming of a motherland Europe, a sheltering Europe, a nourishing Europe.
A Europe of freedom, of equality, of fraternity – a Europe that does not exist.

Paris up in flames. How many innocent lives lost?
Now, their pretext is the Christians. And along with them, on this pretext, they are coming for all those who refuse to stay silent, all those who refuse to accept. Not only because they pray to another God, or to no God at all, but simply because they seem different, have a different way of speaking, of dressing, of looking, of walking.
"Les uns et les autres".
Fear is taking hold in the bowels of Europe. Fear that justifies everything. Fear, the essential fuel of all hate.
The only Europe that exists is fortress Europe. Reinforcing its walls. Putting up the barbed wire. And so many people with no memory, inciting hatred, reviling others, applauding!

(And I wanted to talk to you about Valencia! How we ran to the beach, on that first morning in Valencia...)
Valencia, which was proclaimed the capital of Republican Spain in November 1937. Valencia that was bombarded by air and by sea until its final surrender on 30 March 1939.
We were in Valencia, and our eyes wondered in amazement in the City of Arts and Sciences, beholding the genius of Santiago Calatrava. "And whenever mankind dreams..."
(How sad you would be now, if you saw this Europe.)
It won't take long for another Guernica to be let loose...

(Ten years have passed plus one, it seems like yesterday, and look, one hundred years passed just in this last one, not only for me, I'm telling you, but for this world, for this Old World that I speak of today and which seems to me so terribly old as if one hundred years had gone by in just this last one, one hundred years of solitude.)

magazinephilos

Esperamos que tenha gostado. Voltamos em março.
Hope you have enjoyed. We will be back in March.